



Comunicação COVID19
Ponto de situação 21 de junho

Casos Confirmados

389.133 CASOS DE COVID-19

MAIS 292 CASOS DO QUE ONTEM

NÚMERO DE INFETADOS SUBIU 0,75%%

Óbitos

1.530 VÍTIMAS MORTAIS

MAIS 2 VÍTIMAS MORTAIS (+ 0,13%)

NORTE-814

CENTRO-248

LISBOA E VALE DO TEJO-436

ALENTEJO-2

ALGARVE-15

AÇORES-15

MADEIRA-0

Outros dados

25.376 CASOS DE RECUPERAÇÃO

1.826 AGUARDAM RESULTADOS

357.291 CASOS SUSPEITOS DESDE 1 DE JAN.

407 INTERNADOS (1,04%) / 69 UCI (0,17%)

Dom. 21 junho

Covid-19.
Portugal sai do estado de calamidade, com ou sem Lisboa.

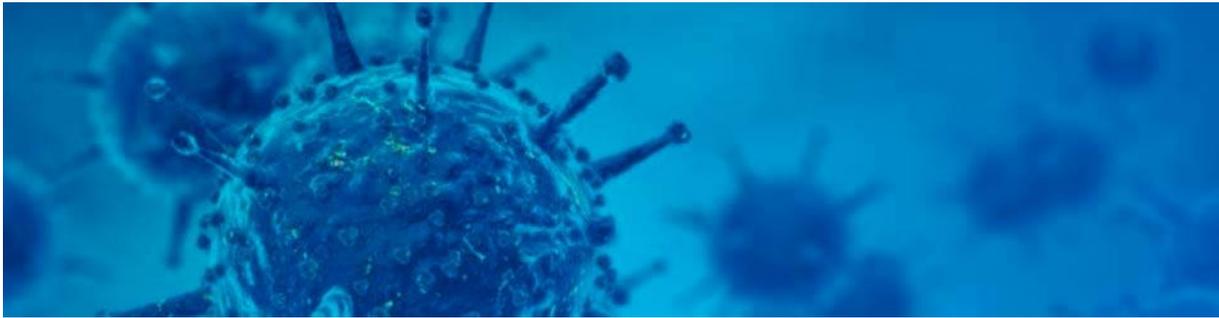
Covid-19:
Portugal com 2.º pior rácio de novos casos entre top-10 europeu.

Massa de calor
vinda de África vai fazer temperaturas chegarem aos 40 graus.

Preço da gasolina
aumentou 10% desde o desconfinamento.

António Costa:
“Ou ficamos fechados em casa ou para sairmos temos que cumprir as regras”.

Espanha recebe
os primeiros turistas.



MANCHETES, DESTAQUES E PRIMEIRAS PÁGINAS DA IMPRENSA



(Edição papel) "Não veria mal a possibilidade de termos padres casados". Em entrevista, o novo presidente da Conferência Episcopal, D. José Ornelas, assume abertura para o fim do celibato de sacerdotes. O bispo de Setúbal alerta para os perigos do totalitarismo no pós-pandemia e admite que apareçam denúncias de abusos de menores graças às comissões criadas. Extrema-direita. Portugueses usam torneios de artes marciais para estreitar laços com neonazis europeus. Aeroportos quase vazios apesar do regresso dos voos. Reportagem. Temperatura medida por câmaras e avisos para uso de máscaras. A terceira tentativa de criar um Banco de Fomento. Portugal terá de garantir boa governação e transparência para aval de Bruxelas. Há municípios onde número de lares ilegais duplicou. Lisboa. Letreiros antigos levam-nos até uma cidade que já não existe. **(Online) Ucrânia, o campo de treino militar para a extrema-direita mundial. A Ucrânia tornou-se para a extrema-direita o que a Síria foi para o Daesh. Militantes recebem treino, melhoram táticas e técnicas e estabelecem redes internacionais, e depois regressam aos seus países. Milhares de estrangeiros combateram em milícias contra os separatistas pró-russos no Leste do país.** Bastaram quatro anos para 75% dos venezuelanos caírem na pobreza extrema. Administração Trump em choque com o procurador-geral que investiga aliados do Presidente. A ordem é proteger Jair Bolsonaro e deixar cair o anjo. No regresso à vida fora de casa, maioria saiu para passear ou fazer exercício físico. Justiça norte-americana rejeita pedido de Trump para proibir livro de Bolton. Guitarra de Cobain vendida por mais de cinco milhões – um recorde.



(Online) "A probabilidade de uma segunda vaga no inverno é muito alta". Nuno Marques dirige o centro de investigação biomédica Algarve Biomedical Center (ABC). Dissidências. Quando a voz dos eleitos "cala"

a dos partidos. Desvinculação do eurodeputado do PAN é a segunda, em poucos meses, a deixar um pequeno partido sem representação, agora em Bruxelas. Lei diz que o mandato é dos deputados. E a legitimidade política? Nadador, modelo, ator e pai de família: as vidas de Pedro Lima. Os medicamentos que Espanha aponta como essenciais na luta contra o vírus. A lista foi publicada este sábado pelo governo espanhol no Diário Oficial do Estado. Entre os medicamentos, está a dexametasona, considerada pela Organização Mundial de Saúde um "avanço científico" no tratamento de doentes com covid-19. "Jovens, ajudem ainda mais nesta fase" da pandemia, pede Marcelo. Jogadores da NBA vão usar anel inteligente para detetar covid-19. Busto de Baden-Powell vandalizado em Coimbra, denunciam escuteiros. Clube de Odiáxere pede desculpas pela "dimensão trágica" da festa em Lagos.



(Edição papel) CM revela os últimos momentos da vida de Pedro Lima. Mensagem enviada antes de morrer - "Olhem pelos meus filhos". Passou a noite em claro e saiu de manhã sem avisar a mulher. Covid-19 cortou-

lhe ordenado para metade, andava deprimido. Ganhava seis mil euros por mês, contrato estava em risco. Participou em dois jogos olímpicos como nadador. Tinha cinco filhos e casamento marcado para 2021. Alunos desesperam. Milhares de exames de carta adiados. Florestas. Regresso dos fogos - Bombeiros preocupados. Acusação. Mata namorado com óleo a ferver ao descobrir traição. Braga. Ganha pai aristocrata após 58 anos órfã- julho. Avança apoio a quem perdeu com o layoff. Sporting pede 25 milhões. Jovane desperta cobiça na europa. União no balneário da luz. PSP muda de ideias sobre dérbi. **REVISTA D.** História das "pequenas" irmãs que serviam Salazar.



(Edição em papel) Estado dá milhões de cachimbos a viciados em crack para evitar contágios. Droga tem por base a cocaína e cria grande dependência nos consumidores. Gulbenkian apoia medida

inédita e 30 ONG disponibilizam kits pelo país. Pedro Lima. Morte inesperada choca família e amigos. Ator de 49 anos encontrado na praia de Cascais. Deixa mulher e cinco

filhos. Pescoço é zona vermelha para Polícia Portuguesa. Técnica usada no caso Floyd é rara em Portugal. Conheça os manuais para imobilizar suspeitos. Beira-Mar. Adeptos levam relva e cadeiras do "velhinho" Mário Duarte. Futebol. Famalicão e Sporting são os campeões pós-pandemia. Covid. Festas ilegais alastram e Marcelo apela aos jovens. Minho. Três mortos na estrada em poucas horas. Imprensa. Jornais de volta à mesa dos cafés. **NOTÍCIAS MAGAZINE. Especial Animais. Amor pelos bichos.**



(Online) O novo apelo de Marcelo aos jovens. Declarações do Presidente surgem na sequência das recentes festas ilegais em

Lagos, com cerca de cem pessoas, e junto à praia de Carcavelos com mais de mil participantes. Estátua de Baden Powell 'decapitada' em Coimbra. Marta Temido: "Não podemos desperdiçar o enorme esforço que portugueses fizeram nos últimos meses". Nem o império de Avillez escapou à crise. Web Summit terá 70 mil participantes? Já há dois eventos internacionais marcados para Portugal. Depois da Champions, chega a Web Summit. Os festivais estão proibidos até 30 de setembro. Próxima semana marcada por aumento das temperaturas que podem chegar aos 40 graus.



(Online) Artur Santos Silva: Banca não devia ser a única a pagar taxa de solidariedade. Presidente honorário do BPI considera que os bancos vão ser "o primeiro sofredor" da crise resultante da pandemia de covid-19.

Benfica avança com emissão de 35 milhões em obrigações com juro de 4%. Marcelo apela aos jovens para que "ajudem ainda mais nesta fase" da pandemia. Voluntários fazem fila para serem infetados com covid-19. População caiu em 86% dos concelhos desde 2011. Veja no mapa o que aconteceu no seu.



(Online) E com a banca vão 8. Governos carregam nas taxas e taxinhas setoriais. "Há razões para estar otimista sobre a retoma, mas as pessoas não vão sentir logo dinheiro no bolso". Ex-diretora de

research do BCE Lucrezia Reichlin diz que o novo normal será de forte ação de bancos centrais como está a acontecer na pandemia. Confia na resposta da UE, mas alerta que há riscos. Bloco diz que venda do Novo Banco tem cláusulas que podem trazer mais custos para o Fundo de Resolução. Benfica paga 4% na emissão de obrigações para o

retalho. Quer obter 35 milhões de euros. Seis projetos receberam um milhão de euros para tirar lixo do mar. Saiba como o vão fazer.



(Online) “Portugal deverá conseguir estabilizar a dívida face ao PIB”, diz economista-chefe do BNP Paribas. Bruxelas dá ‘luz verde’ à criação de selo europeu de certificação sanitária para apoiar

relançamento do turismo. Benfica SAD quer emitir até 35 milhões em obrigações a três anos. Paga taxa de 4%. Catarina Martins critica posição de Rui Rio sobre TAP. Rui Rio considerou um erro o Estado “injetar dinheiro público sem entrar já na gestão na companhia aérea” e “entende que a prioridade deve ser arrumar a casa e vender a empresa assim que for possível”. PCP quer anular despedimentos devido à pandemia. Londres e Bruxelas não se regem pelo mesmo calendário do Brexit.



(Online) Preço da gasolina aumentou 10% desde o desconfinamento. Amanhã, o litro da gasolina e do gasóleo vai ficar um cêntimo mais caro. É a sétima subida semanal consecutiva. OE

SUPLEMENTAR Leão sem verbas previstas para pagar mais cedo a credores Estado prevê ir ao mercado contrair quase 31 mil milhões de euros em obrigações. Quase um terço desta verba é para pagar uma dívida de Sócrates.



(Online) Telefone da PSP não para com denúncias de festas ilegais e ajuntamentos de pessoas. PSP não para de receber telefonemas com denúncias de ajuntamentos e festas, sua maioria

com jovens. Desmobilização decorre quase sempre "sem problemas", mas o pior já está: o risco de contágio. Covid-19: Estudo descarta uso de antivirais. Estudo da Sociedade Espanhola de Farmácia Hospitalar conclui que a utilização de corticosteróides reduz até 50% a mortalidade por Covid-19. Antivirais "parecem não funcionar". Comício de Trump. Seis funcionários infetados. Seis elementos da equipa de organização do comício testaram positivo. Porta-voz da campanha garante que "não terão contacto com participantes" e que procedimentos da quarentena foram ativados. Ator Pedro Lima enviou mensagens de despedida.



(Online) Ajuntamentos no Porto e em Braga levam a intervenção da polícia. 100 anos de Amália. Nem chegaste a partir. Covid-19. Comércio quer aumentar lotação. DGS recusa, “neste momento”. Pedro Lima (1971-2020). o ator, o desportista, o amigo. As redes encheram-se de despedidas. Covid-19. DGS atualizou o número de casos por concelho. Porto com mais 51. António Costa diz que “é preciso má-fé” para transformar agradecimento à saúde em insulto. GNR identifica suspeito de ter ateado fogo em Aljezur. O que alegam as 132 jogadoras que protestam contra a FPF: teto salarial viola dois artigos da Constituição da República Portuguesa. Renovadores ganham peso no ‘governo’ da Igreja. Presidente dos bispos portugueses foi escolha direta do Papa. Junta-se a Marto e a Tolentino na missão de renovar a Igreja. Migrações. Rota Marrocos-Algarve já atrai traficantes. Investigação detetou organização nas partidas de El Jadida para o Algarve. Expulsão de 22 migrantes poderá travar rota



(Online) Ministra faz eco das palavras de Marcelo. Marta Temido e Marcelo dirigiram mensagem aos jovens, pedindo-lhes mais responsabilidade. Estátua de Baden Powell ‘decapitada’ em Coimbra.

Tiago Rodrigues. "Estamos a fazer das tripas coração para voltar a contactar com o público". "Se algum dos meus colegas americanos defendesse o que eu defendi teria sido banido". O historiador da escravatura João Pedro Marques acredita que há censura nas universidades e diz que a versão oficial da História ali ensinada culpabiliza os ocidentais. Sobre as estátuas que têm sido vandalizadas ou retiradas não tem dúvidas: ‘As estátuas devem ficar’. Mesmo as de figuras controversas.



(Online) Espanha reabre a alguns países. Trump pediu menos testes?

Espanha reabre hoje fronteiras com alguns países do Espaço Schengen. Trump afirma ter pedido diminuição da despistagem da Covid-19. Turismo de "confinamento" dispara no Porto à boleia do mercado nacional. Covid-19: Papa pede proteção para refugiados e ambiente durante pandemia. PSP do Porto dispersa grupo de "algumas centenas" de jovens na Cordoaria.

SÁBADO

(Online) Deputados faltaram 474 vezes desde início da legislatura. Ator Pedro Lima encontrado morto em praia de Cascais. Busto de Baden-Powell vandalizado em Coimbra, denunciam escuteiros. Várias pessoas esfaqueadas em Reading, Reino Unido. Um homem foi detido. Massa de calor vinda de África vai fazer temperaturas chegarem aos 40 graus. Igreja não vai pactuar com abusos sexuais, diz presidente da Conferência Episcopal. PSP acaba com ajuntamentos de centenas de jovens em Braga. Covid-19: Vídeo revela que hospital de Madrid se preparou para negar cuidados de saúde aos mais idosos.

VISÃO

(Online) Covid-19: Quando é que isto acaba? Como terminaram algumas das mais mortíferas pandemias da História. “Covid-19: “Ou ficamos fechados em casa ou, para sairmos, temos de cumprir as regras”, avisa António Costa. Há três ou quatro anos, ninguém iria pensar que o sistema imunitário controla a quantidade de gordura que acumulamos no nosso organismo”. Covid-19: Ministra da Saúde reforça apelo a comportamentos responsáveis.



(Online) Ajuntamento ilegal de 200 pessoas em Braga. PSP chamada a intervir. Aconteceu mais uma festa ilegal, na última madrugada, desta vez em Braga. Temperaturas elevadas deixam Interior sob aviso amarelo para o início da semana. Tim Marshall: "A China aproveita-se da atenção global com a Covid-19". Fernando Gomes e Pedro Proença congratulam Luís Castro, campeão na Ucrânia. Covid-19: Jogadores estrangeiros trocam campos de futebol pelos agrícolas no Alentejo. Polícia britânica muda narrativa. Ataque que fez três mortos considerado ato terrorista. Inicialmente, as autoridades britânicas tinham afastado a possibilidade de ataque terrorista.



(Online) PSP faz dispersar ajuntamento com 200 pessoas no centro de Braga. António Costa. “Se for necessário, daremos os passos atrás que forem necessários”. Governante dá exemplos de alguns “comportamentos que só podem dar mau resultado”. Espanha reabre fronteiras com alguns países do Espaço Schengen. Trump ordena que se faça menos

testes para despistar a Covid-19. Não é certo se o Presidente dos Estados Unidos estava a falar a sério. Catarina Martins defende “um apoio extra” para corporações de bombeiros. EUA. Trump demite procurador de Manhattan. Geoffrey S. Berman estava a investigar várias pessoas próximas do Presidente dos Estados Unidos. Reguengos de Monsaraz quer fechar escolas secundárias e pré-escolar após surto em lar.



Polícia dispersa ajuntamentos a norte. Costa volta a admitir “dar passos atrás” no desconfinação.

Artur Santos Silva discorda de taxa só para a banca. Pandemia agravou risco de acidentes vasculares cerebrais. Novo presidente da Conferência Episcopal vê crise na Igreja como oportunidade. Novo presidente da Conferência Episcopal promete combater abusos. Presidente da Conferência Episcopal pede solidariedade e desconfinação. Língua e habitação são dificuldades para refugiados em Portugal. Milhares de argentinos marcham contra avanço do Governo sobre propriedade privada.



A PANDEMIA NA EUROPA E NO MUNDO

- ❑ Mais de 465 mil mortos e de 8,8 milhões de infetados no **MUNDO**.
- ❑ **ESPANHA** registou sete mortes por covid-19 nas últimas 24 horas e 36 nos últimos sete dias, subindo o número total de óbitos desde o início da pandemia para 28.322.
- ❑ **ITÁLIA** soma mais 49 mortes e 262 novos casos. O total de vítimas relacionadas com a infeção pelo vírus SARS-CoV-2 ascende a 34.610.
- ❑ **FRANÇA** superou os 160 mil casos - soma um total de 160.093 contágios. O país totaliza 29.633 óbitos.
- ❑ Surtos na **ALEMANHA** disparam reprodução do novo coronavírus. Na Alemanha, desde o começo da pandemia, registaram-se 191.314 casos de covid-19, sendo que desses, 174.885 recuperaram e 9.057 morreram.
- ❑ **REINO UNIDO** com 128 mortes em 24 horas e com um total de 42.589.
- ❑ **ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA** registaram 568 mortes devido à covid-19, nas últimas 24 horas, elevando para 119.654 o número de óbitos. Covid-19: Infetados seis membros da campanha de Donald Trump.
- ❑ **BRASIL** regista 1.022 mortes e 34.666 infeções em 24 horas. O Brasil, que é o segundo país mais afetado pela doença da covid-19, a seguir aos Estados Unidos, registou até agora 49.976 mortes e 1.067.579 casos confirmados.
- ❑ **ÁFRICA** regista 7.925 mortes e mais de 297 mil casos.
- ❑ **CHINA** deteta 26 casos nas últimas 24 horas, 22 em Pequim.
- ❑ **CHILE** passa de quatro mil mortos para mais de sete mil.



FRASES DO DIA

- **“ A melhor forma de sermos solidários é todos cumprirmos as regras”,** António Costa, Primeiro Ministro.
- **“É preciso muito má-fé para transformar um agradecimento aos portugueses e designadamente aos profissionais de saúde que tornaram possível controlar a pandemia, e por isso sermos referidos e referenciados como um país seguro, num insulto aos profissionais de saúde”,** António Costa, Primeiro Ministro.
- **“Têm de dar o exemplo. A maioria dos jovens percebe isto, mas há uma minoria que acha que já passou a pandemia. Mas isso é falso. O vírus está aí. Têm de tomar atitudes simples que não levem a que agrave a situação na vida dos outros, porque estamos no mesmo mundo.”,** Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República.
- **“Portugal não é o dono da língua portuguesa”,** Luís Faro Ramos, presidente do Instituto Camões.
- **“Não é fechados, dentro das sacristias, que vamos mudar o mundo, é dialogando com todos aqueles que nos buscam e que buscam um mundo novo”,** D. José Ornelas, Presidente da Conferência Episcopal.
- **“O Governo deve regressar ao seu bom hábito das primeiras semanas da pandemia e dizer ao país sem reservas o que se está a passar. Não está em causa o regresso ao confinamento. Nem a propagação de um novo estado de alarme. Basta-lhe reconhecer que há um problema em Lisboa que o Governo e as autoridades não conseguem controlar. Basta-lhe deixar de agir como se esse problema fosse natural, inevitável ou normal. Se o problema for reconhecido e sublinhado, será mais fácil aplicar medidas para o conter e, questão crucial, levará todos os cidadãos a perceber o que está em causa e a agir em conformidade.”,** Manuel Carvalho, Diretor do jornal Público.
- **“Eis o lado mau: quando se faz este volume de testes, encontramos mais pessoas, mais casos. Então disse à minha equipa para diminuir o ritmo da despistagem. Eles fazem testes e testes...”**, Donald Trump, Presidente dos EUA.

- **“Toda esta comoção por sermos o senhorio da final da liga dos campeões parece-me digno de entrar no tratado das grandezas do ínfimo”,** Ricardo Araújo Pereira, Humorista.
- **“Vai ser preciso um apoio extra, forte, aos bombeiros, muito rapidamente, para garantir que conseguem responder às duas crises que estamos a sofrer: a pandemia de covid e, ao mesmo tempo, os incêndios, que continuam a ser um problema em Portugal”,** Catarina Martins, Coordenadora nacional do Bloco de Esquerda.





ARTIGOS SELECIONADOS

COVID-19: PORTUGAL TEM SEGUNDO PIOR RÁCIO DE NOVOS CASOS NO TOP-10 EUROPEU

Os números de casos de covid-19 registados na última semana colocam Portugal com o segundo pior rácio de novas infeções por cada 100 mil habitantes entre os 10 países europeus com mais contágios, apenas atrás da Suécia.

De acordo com os dados recolhidos pela Lusa, com base nos números das respetivas fontes oficiais nacionais e do Centro Europeu de Controlo de Doenças (CECD) para o período entre 14 e 20 de junho, o país reportou um total de 2.378 novos casos, abaixo da incidência de Reino Unido (8.823), Suécia (6.359, dados entre 12 e 18 de junho), França (3.280), Alemanha (3.113).

Em sentido inverso, os números dos novos casos de infeção pelo vírus SARS-CoV-2 em Portugal nesta semana bateram os registos de países fortemente afetados pela pandemia, como Espanha (2.333), Itália (2.026), Bélgica (632) e Países Baixos (906).

Assim, Portugal evidenciou um rácio de 23,2 novos casos por cada 100 mil habitantes nos últimos sete dias, um desempenho apenas superado pelos 62,47 verificados na Suécia. Estes números estão acima da fasquia de 20 novos casos por 100 mil habitantes, um limite adotado por alguns países e que ditou restrições ou proibições impostas por vários estados à entrada de cidadãos provenientes destas duas nações.

Entre os países europeus que estão a condicionar ou mesmo proibir a entrada de portugueses figuram Áustria, Bulgária, Chipre, Dinamarca, Eslováquia, Estónia, Grécia, Letónia, Lituânia e República Checa. A este lote somam-se também outras nações que não reabriram ainda as suas fronteiras, como, por exemplo, Noruega ou Finlândia.

Com 38.841 casos confirmados até sábado, Portugal é a nona nação europeia, em termos absolutos, num 'top-10' liderado pelo Reino Unido (303.110) e encerrado com a Polónia (31.620). A incidência da covid-19 em cada 100 mil habitantes da população portuguesa é agora de 378,94, ainda assim inferior à ocorrida em Suécia (550,52),

Bélgica (530,21), Irlanda (523,18), Espanha (519,73), Reino Unido (456,28) e Itália (394,82).

Em relação aos óbitos, Portugal soma até agora 1.528, num registo que o torna o décimo a nível europeu (sem incluir a Rússia), após Reino Unido (42.589), Itália (34.610), França (29.633), Espanha (28.322), Bélgica (9.696), Alemanha (8.883), Holanda (6.089), Suécia (5.053) e Irlanda (1.715).

Numa análise ao período entre 14 e 20 de junho, Portugal somou um total de 16 mortes e está a atravessar a fase menos letal da pandemia. O registo português só é batido pela Irlanda, que notificou 15 mortes, enquanto no extremo oposto surge o Reino Unido, com 927 óbitos na última semana (Espanha confirmou 234 mortos, mas fez uma atualização de mais de mil vítimas sobre o total desde o início do surto pandémico).

A evolução recente da pandemia em Portugal tem gerado várias críticas nos últimos dias, e a ministra da Saúde, Marta Temido, assumiu na sexta-feira que as autoridades estão “a ter dificuldade em quebrar as cadeias de transmissão”. No entanto, o governo justificou também o aumento do número de casos com o reforço da testagem e argumentou que o volume de testes é superior à maioria dos parceiros europeus.

Embora haja diferentes métodos de análise – uns países contam os testes efetuados, outros amostras analisadas, e outros ainda pessoas testadas – e variação temporal na apresentação dos dados, Portugal é, segundo o site Our World in Data, da Universidade de Oxford, o que mais testes fez esta semana entre os países comparados e um dos que mais amostras analisa a nível europeu, com cerca de 100 testes efetuados por cada 1.000 habitantes.

Entre os receios de incumprimento generalizado das regras de proteção e distanciamento social e uma estratégia alicerçada numa política de testagem considerada abrangente, Portugal regista já seis dias seguidos com pelo menos três centenas de novas infeções, concentradas sobretudo na região de Lisboa, quase quatro meses depois de ter sido detetado o primeiro caso de covid-19 no país, em 02 de março. A pandemia de covid-19 já provocou mais de 461 mil mortos e infetou mais de 8,7 milhões de pessoas em 196 países e territórios, segundo um balanço feito pela agência francesa AFP.

Fonte: **Agência Lusa**

“A PROBABILIDADE DE UMA SEGUNDA VAGA NO PRÓXIMO INVERNO É MUITO ALTA”

Nuno Marques dirige o centro de investigação biomédica Algarve Biomedical Center (ABC), que tem estado no centro do combate à pandemia. Ao DN, fala dessa luta dos últimos três meses, e do futuro, em que máscaras, distanciamento social e lavagem das mãos serão obrigatórios, “pelo menos nos próximos dois, três anos”.

Médico nos hospitais de Faro e Portimão, professor da Universidade do Algarve e presidente do Algarve Biomedical Center (ABC), uma parceria entre aquelas instituições para a investigação biomédica, Nuno Marques tem estado na linha da frente no combate à pandemia de covid-19 em Portugal. Foi um dos impulsionadores dos testes de diagnóstico nos centros de investigação científica por todo o país, numa rede que agora abrange 22 centros, que foi “decisiva” na fase mais crítica e que “é para continuar”, afirma. O médico, professor e investigador não tem dúvidas de que esta rede “é uma oportunidade” para “um desenvolvimento global mais rápido e eficaz” do país. Quanto à probabilidade de uma segunda vaga da pandemia no inverno, diz, “ela é muito alta”, pelo que “temos de estar muito atentos” e “continuar a preparar-nos”. Já o distanciamento social, o uso de máscaras e a lavagem frequente das mãos, vieram para ficar “durante os próximos dois, três anos, pelo menos”. É um novo modo de vida que “temos de adotar”. E nunca baixar a guarda, porque “um novo surto pode ocorrer em qualquer altura”.

O centro ABC teve um papel central no combate à covid no Algarve. Três meses depois de a doença ter chegado a Portugal, que balanço faz da situação no país e no Algarve em particular?

É um bom balanço. Em vários países a pandemia ultrapassou em muito a capacidade de resposta dos serviços de saúde, e em Portugal houve medidas que permitiram que isso não acontecesse. Para isso contribuíram a própria área da saúde, mas outras também, que estiveram a lutar juntas. Foi o que o centro académico ABC fez no Algarve. Percebemos logo que o combate à pandemia não podia estar só dentro das instituições

da saúde e que era fundamental iniciar o combate numa primeira linha, fazendo o máximo possível de testes fora das instituições de saúde e deixando para estas apenas os casos que necessitavam de internamento hospitalar e de cuidados intensivos. Pela primeira vez, viu-se também uma grande união entre todos, na saúde, na ciência e na própria indústria, para se encontrarem as melhores soluções. Foi essa a chave para que o número de óbitos, que infelizmente existem, não fosse tão alto como aconteceu noutros países europeus.

Neste momento continua a haver focos ativos no país. Porquê?

Era expectável com esta reabertura, depois de o país ter estado fechado. Isso significa que temos de estar muito atentos. É fundamental que todos os casos sejam detetados a tempo, no início das cadeias de transmissão, traçados os contactos e isolados os casos, para se limitar a propagação do vírus. Quanto maior for o cuidado em usar máscaras, em manter o distanciamento social e em lavar as mãos, mais limitado será o contágio. A forma como as coisas correrem vai depender muito do comportamento das pessoas.

Tem-se discutido muito a utilização de aplicações móveis para identificar os contágios. Qual é a sua opinião sobre isso?

Sou favorável à utilização dessas aplicações, desde que elas protejam a privacidade e a identidade das pessoas. Essas aplicações permitem uma maior certeza na identificação de contactos com casos positivos e são uma ajuda importante para conter as cadeias de transmissão, porque temos de estar um passo à frente delas. E já há algumas aplicações na Europa que estão a ser testadas e lançadas, que preservam a privacidade das pessoas.

O que requer agora maior atenção no combate à pandemia?

É muito importante que a população compreenda que os cuidados têm de ser mantidos, senão vamos ter mais focos e um grande número de casos de covid-19. E os centros de investigação que tiveram uma ação decisiva no combate à pandemia, no esforço dos testes e na procura de soluções, vão ter de continuar ativos e a manter a capacidade de resposta. No próximo inverno no hemisfério norte, a partir de outubro, novembro, espera-se de novo um número de casos significativo, a par da gripe e de outras infeções respiratórias. Teremos de estar muito atentos e ter uma grande capacidade de fazer testes, para isolar os casos de covid-19, para que não haja cadeias de transmissão em

massa que levem ao colapso do Sistema Nacional de Saúde [SNS]. Temos de ir melhorando o que já fizemos, otimizar tudo em cada uma das instituições de saúde e de ciência para termos o máximo de preparação possível para o próximo inverno, quando a necessidade de testes vai ser muito grande. No nosso caso do ABC, há ainda esta época de verão, com muitos turistas no Algarve. Temos de estar muito atentos porque este aumento de população aumenta também o risco de propagação do vírus.

É inevitável uma segunda vaga de covid-19?

Ninguém pode afirmar com toda a certeza, mas a probabilidade é muito alta. Estamos a falar de um vírus e de uma doença que têm tudo para ter um carácter sazonal. A probabilidade de uma segunda vaga no inverno no hemisfério norte é muito alta.

Mas poderá ocorrer ainda antes do inverno?

Pode ocorrer antes se não tivermos cuidado, porque este vírus tem uma grande capacidade de transmissão. Ocorrer no inverno será o mais natural, mas não podemos ficar descansados em altura nenhuma, porque uma pessoa pode contagiar muitas, mesmo com muito pouca sintomatologia. Se não tivermos cuidados, podemos ter um surto em qualquer altura, também no verão. Não podemos baixar a guarda até termos vacina, se é que é possível tê-la, ou tratamentos eficazes, se é que é possível tê-los. Está a ser feito um esforço mundial nesse sentido, mas não espero nenhuma das duas soluções para este ano. Se pensarmos no tempo que leva o desenvolvimento de qualquer um deles, tê-los no próximo ano será muito rápido. Vamos ter de continuar a conviver com a doença, estar muito atentos e, ao mínimo sinal, fazer testes, testes, testes, para isolar os casos e evitar que uma pessoa infetada contage muitas outras.

Neste momento, estamos preparados para uma segunda vaga?

Estamos muito mais bem preparados agora do que há três meses, e esse trabalho continua nas unidades hospitalares. O SNS respondeu muito bem ao primeiro embate e está a preparar-se para um segundo, que pode ser ainda mais forte e violento. Está a fazer-se o reforço dos equipamentos de internamento, otimização dos circuitos e preparação das equipas. E temos a rede de centros de investigação que é complementar em termos de testes, e nos dá a garantia de capacidade muito alta de testes, e que ainda pode ser aumentada se necessário.

Os centros de investigação científica começaram muito cedo a fazer testes de diagnóstico para a covid-19. Como aconteceu isso?

Foi um movimento espontâneo. O IMM [Instituto de Medicina Molecular – João Lobo Antunes, da Universidade de Lisboa] começou a fazê-los, nós aqui, na mesma altura, desenvolvemos também essa capacidade, os centros comunicaram entre si e, a partir daí, criou-se uma rede. Estamos a falar neste momento de 22 centros investigação no país, que estão a partilhar experiências. Qualquer inovação de um deles é logo colocada à disposição dos outros. Nunca tinha visto os centros de investigação a partilhar a informação em rede desta forma, ao serviço da população.

Isso foi decisivo no combate à pandemia em Portugal?

Foi decisivo naquela altura em que não havia kits de diagnóstico disponíveis, porque permitiu que nunca houvesse quebra no número de testes. Até hoje [terça-feira, 16 de junho], os centros de investigação já fizeram mais de 172 mil testes de RT-PCR, que faz o diagnóstico direto, detetando o material genético do vírus. Isto só foi possível porque em muitos destes centros há investigadores qualificados que já aplicavam estas técnicas nas suas investigações.

Que ações fora das instituições de saúde foram também essenciais no combate à pandemia?

Uma delas foi a criação dos drive-thru [os utentes não saem dos seus veículos], onde se fizeram muitas colheitas de amostras para testes, evitando que doentes com pouca sintomatologia causassem aglomerações em unidades hospitalares. E nos lares, também. O Ministério do Trabalho e da Segurança Social percebeu que os lares seriam focos potenciais, e avançou com testes de forma preventiva, não indo apenas atrás do problema, como aconteceu noutros países. Aí tiveram um papel-chave os centros de investigação científica, que se disponibilizaram por todo o país, para que houvesse essa capacidade adicional de testes dos funcionários e dos utentes dos lares. Isto permitiu identificar focos muito cedo, e evitou muitas mortes no país.

E a intervenção do ABC no Algarve?

Ainda antes de haver casos em Portugal já estávamos no terreno. Percebemos o que estava a acontecer nos outros países, parámos as outras atividades e pusemos o nosso foco na covid-19. Ajudámos instituições no Algarve a preparar os seus planos de

contingência e depois percebemos que era preciso retirar o máximo possível de doentes do centro hospitalar, que muitas vezes tem dificuldades no seu funcionamento, como é público. Acabou por não haver problemas porque muitos dos casos não chegaram sequer ao centro hospitalar. Criámos um centro de testes drive-thru no Estádio do Algarve, que já recolheu mais de 25 mil amostras, de pessoas que assim não passaram pelas unidades hospitalares nem centros de saúde, e os casos positivos puderam fazer a quarentena em casa. Além disso desenvolvemos e criámos a capacidade de testes. Até agora fizemos mais de 21 mil testes, e mantemos um laboratório funcional nesse sentido. O Algarve só tinha um laboratório para toda a região. O ABC apoiou também nos testes nos lares e creches no Baixo Alentejo e Alentejo Litoral, e isso vai continuar. Além disso, desenvolvemos algumas soluções quando havia escassez de dispositivos.

Que soluções foram essas?

Zaragoas e kits de colheitas de amostras que, em abril não havia no país, e que foi necessário desenvolver. Foram inicialmente produzidos por uma alt-up da Universidade do Algarve e depois por uma empresa do norte, a Hidrofer, que tinha maior capacidade de produção. Além disso, os nossos alunos de Medicina reforçaram a linha SNS 24 que a certa altura não estava a conseguir dar resposta, como se sabe. São 150 alunos dos dois últimos anos do curso de Medicina da Universidade do Algarve que continuam hoje a fazer esse atendimento. Mais tarde, o ABC e a Universidade do Minho abriram outro al center para atendimento à linha SNS 24 em Braga, com alunos do último ano de Medicina do curso do Minho. Este está agora temporariamente encerrado, por não haver necessidade, mas mantém-se a disponibilidade de todos, caso haja mais algum pico. O do Algarve, em Faro, continua a funcionar.

Que frutos pode no futuro dar esta colaboração entre os centros de investigação?

É uma oportunidade e um exemplo que no futuro podemos usar noutras coisas. O país precisa desta colaboração. Ela ajudará a que o desenvolvimento global possa ser muito mais rápido e eficaz. Vê-se um contacto fácil entre todos que vai ficar e deixar marcas no país e na ciência. Os centros vão continuar interligados, a reunir-se, a desenvolver ações de carácter científico. E isso vai levar a uma maior interligação com a indústria e a mais partilha em projetos europeus. Esta ligação da ciência à saúde foi algo único, até em termos europeus. Estou num grupo europeu nesta área dos testes covid e não há

em termos europeus paralelo com isto. Portugal está muito bem colocado na resposta que deu aos testes também pelo facto de ter estes centros de investigação a fazê-los, o que deu uma capacidade que muitos outros países não esperavam de nós. A criação desta rede foi chave porque não deixou nenhuma região a descoberto.

Na preparação para o futuro, nesta pandemia, o que falta ainda fazer?

Continua o reforço dos centros hospitalares, que estão a fazer aquisições e a criar reservas de equipamentos de proteção individual. A capacidade de testes está a ser otimizada. Os testes já são mais rápidos. Para as análises urgentes já não precisamos de seis horas, uma equipa bem treinada já consegue fazê-las em três horas e meia. E os desenvolvimentos não vão parar por aqui. Há vários centros de investigação a desenvolver novas soluções para o combate à pandemia. Houve duas calls de apoio à investigação da FCT [Fundação para a Ciência e a Tecnologia], os projetos estão a ser desenvolvidos e produzirão ajudas num curto espaço de tempo, para estarem disponíveis no próximo inverno.

Que novas soluções poderão sair daí?

Algumas são soluções informáticas de desenvolvimento de algoritmos para o acompanhamento das situações ou novas metodologias para testes ainda mais rápidos para uma melhor resposta no contexto hospitalar. Acredito que alguns dos projetos vão ter sucesso e que isso será uma mais-valia para esta segunda fase.

E no ABC, o que está a ser feito nesse sentido?

Adquirimos equipamentos para fazer testes em contínuo e ao mesmo tempo podermos continuar a fazer o trabalho de investigação. Mas isso também significa que se tivermos um pico de pandemia passamos a ter o dobro da capacidade de testagem, o que numa região como o Algarve pode ser chave. Por outro lado, ao longo do tempo fomos otimizando a forma de fazer colheitas, conseguimos uma capacidade de drive thru em que chegámos a fazer uma colheita a cada 15 segundos, com mais de mil colheitas por dia. Estamos agora a fazer um ponto de situação nos lares do Algarve e Alentejo e a atuar sempre que há um caso identificado e a trabalhar com as instituições na preparação para o próximo inverno. Sempre em articulação com a saúde pública e com uma comunicação fácil e rápida entre todos. Temos de ter a capacidade máxima

instalada no terreno neste verão, dado o grande número de turistas que vêm ao Algarve nesta altura, e que nós queremos que se mantenham seguros.

Em relação à pandemia, quanto tempo mais teremos de continuar a manter a distância social?

Esta é uma nova forma de vida que temos de adotar nos próximos anos. Mesmo que apareça alguma vacina ou terapêutica, a sua eficácia não vai ser a cem por cento. Basta ver as outras doenças. E, até termos vacinação em massa, não podemos estar descansados. O distanciamento social e o uso de máscaras vieram para ficar durante os próximos dois, três anos, pelo menos.

E a imunidade? Ainda não se sabe qual será a sua duração.

Ainda não há dados para saber isso. Na maioria das outras doenças causadas por vírus, a imunidade é relativamente duradoura, mesmo não se detetando muitas vezes anticorpos. Mas não se prevê que esta doença tenha um comportamento muito diferente das outras doenças virais do mesmo género, em que é desenvolvida imunidade pelo hospedeiro. Sem termos a certeza, porque perante algo novo não podemos ter certezas absolutas, é muito maior a probabilidade de irmos a ter pessoas imunes, do que a desenvolver novamente a doença. A não ser que o vírus tenha mutações suficientes para poder infetar novamente as pessoas. Mas, pelo que se sabe, isso ainda não aconteceu até agora.

Fonte: **Diário de Notícias**

TERÁ A GERAÇÃO TIKTOK E K-POP ROUBADO UMA VITÓRIA A TRUMP?

No comício de Tulsa, campanha do presidente esperava uma casa cheia. Mas a arena tinha muito espaço vazio.

A campanha de Donald Trump falava em mais de um milhão de pessoas registadas para participar no primeiro comício do presidente em tempos de covid-19, mas nas bancadas da arena do BOK Center, em Tulsa, no Oklahoma, havia muitos espaços vazios.

Um outro evento previsto no exterior do recinto, em que devia participar o vice-presidente norte-americano, Mike Pence, foi cancelado horas antes devido à baixa afluência.

A razão pode ter sido a campanha empreendida pelos jovens na rede social TikTok e por fãs dos grupos de música coreana K-pop. A campanha, que passou quase despercebida, implicava a inscrição (que era grátis) para participar no comício e não aparecer. Uma partida da nova geração ao presidente e candidato à reeleição.

Segundo o The New York Times, depois de a equipa de campanha de Trump ter pedido aos apoiantes do presidente que se registassem através do telemóvel, a 11 de junho, os fãs de K-pop começaram a partilhar a informação com os seguidores, encorajando-os a fazer isso mas a não aparecer.

Não é a primeira vez que os fãs de música coreana são chamados a uma ação política, tendo no início do mês inundado as redes sociais com vídeos para "calar" a hashtag racista "White Lives Matter" (as vidas brancas importam), que surgiu em resposta à "Black Lives Matter" (as vidas negras importam), que tem sido usada após a morte do afro-americano George Floyd às mãos de um polícia branco.

A ideia também ganhou força no TikTok, rede social de partilha de vídeos muito usada pelos jovens, apesar de segundo a CNN entre os que lançaram a ideia estar uma avó de 51 anos de Fort Dodge, Iowa.

"Todos os que querem ver este auditório de 19 mil lugares quase vazio vamos reservar bilhetes e deixá-lo lá sozinho no palco", indicou Mary Jo Laup aos mil seguidores no TikTok logo no dia 11. No dia seguinte, o vídeo já teria sido visto mais de dois milhões de vezes e tinha 700 mil "gosto", com Mary a acreditar ter dado origem a 17 mil inscrições.

Segundo o The New York Times, muitos utilizadores das redes sociais apagaram as suas mensagens 24 ou 48 horas depois, de forma a não levantar suspeitas para o que estavam a planear.

No Twitter, Trump partilhou imagens do comício em ângulos mais fechados, alegando que "a maioria silenciosa é ainda mais forte que nunca".

Fonte: **Diário de Notícias**

COVID-19: QUANDO É QUE ISTO ACABA? COMO TERMINARAM ALGUMAS DAS MAIS MORTÍFERAS PANDEMIAS DA HISTÓRIA

Dizimaram milhões de pessoas até caírem no esquecimento. Ou, então, veio uma vacina que acabou com elas. Outras tornaram-se doenças crônicas ou integraram os vírus comuns da gripe

PESTE NEGRA- BACTÉRIA DA GRANDE MATANÇA

Já lhe chamaram “a mãe de todas as pestes” e, à imagem do novo coronavírus, veio de longe – da China e da Ásia Central. A tese científica mais consensual situa a propagação na Europa, entre 1347 e 1353, da peste negra, ou bubónica, causada pela mortífera bactéria *Yersinia pestis*, num exército de pulgas vetores e ratos hospedeiros que circulavam a bordo de cargas e mercadorias. Depois, a mortalidade dos roedores libertou uma enorme quantidade de pulgas infetadas, que encontraram no ser humano o novo hospedeiro. O doente começava por ter febre muito alta e aparecia-lhe um furúnculo doloroso, do tamanho de um ovo, na virilha ou na axila. Ao segundo ou terceiro dia, o corpo ficava coberto por esses bubões, que acabavam por rebentar, deixando sair o pus. Seguiam-se manchas escuras na pele, indicadoras de hemorragias. Assim morreram, naquele período, 200 milhões de pessoas na Europa.

A peste negra “assemelhou-se a um megaincêndio transcontinental: ‘ardendo’ em várias frentes, quando em algumas regiões o pior havia passado, outras começavam a sua própria experiência de devastação epidemiológica”, diz André Oliveira da Silva, investigador nas universidades do Porto e de Évora. “A doença avançou livremente, provocando uma crise de mortalidade gravíssima, representável pelo que hoje designaríamos por uma curva epidemiológica altíssima, brusca e, por isso mesmo, tão devastadora quanto efémera, não tendo durado mais do que alguns meses em cada região”, acrescenta. Não havia então qualquer remédio eficaz no combate à doença, nem se conhecia ou compreendia a sua etiologia. “A peste negra acabou por terminar naturalmente o seu ciclo de destruição”, explica aquele especialista. “As populações de roedores foram dizimadas, as humanas foram-no por consequência, e passará quase uma década até ao regresso da doença, que fará aparições esporádicas daí em diante”, esclarece.

A pandemia deixou no País uma desorganização generalizada, e a recuperação socioeconómica conduziu a uma realidade diferente da anterior. Ainda não se sabe quantas pessoas morreram da doença em Portugal – mas verificou-se a extinção de grande parte da força de trabalho que levou à procura de mão de obra e à subida de salários.

VARÍOLA - LOUVOR ÀS LEITEIRAS

Diz-se que as primeiras evidências da varíola são tão antigas quanto isto: foram encontradas em múmias egípcias datadas do século III. Com certeza científica, sabe-se que a infeção pelo vírus da varíola dava origem a uma doença febril, acompanhada de mal-estar geral e manifestações cutâneas muito características: manchas, seguidas de bolhas e pústulas, que resultavam em crostas e descamação, deixando cicatrizes (as “bexigas”). Eram os sinais visíveis de uma infeção geral. A doença era letal em um em cada três casos, em média. Só no século XVI causou 56 milhões de mortes.

Mas, hoje, a varíola é a única doença até agora erradicada da superfície da Terra, através de um programa global dirigido pela Organização Mundial da Saúde, baseado na vacinação massiva das populações e na identificação e ação precoce sobre novos surtos de transmissão da patologia. Os louros precedentes, porém, têm de ser atribuídos ao cientista inglês Edward Jenner, que descobriu a vacina contra a varíola no século XVIII. O investigador “observou que as leiteiras que conhecia tinham uma pele isenta das cicatrizes da doença, em contraste com o que acontecia com a população em geral”, conta Constantino Sakellarides, antigo diretor-geral da Saúde (1997-1999). “Acabou por encontrar a explicação no facto de as leiteiras estarem sujeitas a uma infeção similar proveniente das vacas, sem as consequências da varíola, mas que as protegia desta doença”, acrescenta aquele especialista. E assim nasceu a eficaz vacina contra a varíola, generalizada desde o século XIX.

Os esforços para a erradicação da doença iniciaram-se em 1959 e terminaram em 1980, com a declaração formal da erradicação da doença pela Assembleia-Geral da Organização Mundial da Saúde. “Mas a história da varíola ainda não acabou completamente”, alerta Sakellarides. “Apesar das resoluções da Assembleia Mundial de Saúde de 1996 e de 1999, no sentido da destruição do vírus da varíola, mantido para efeitos de investigação em laboratórios de alta segurança nos EUA e na Federação

Russa, isso ainda não aconteceu”, diz. E porquê? “Por desconfianças mútuas sobre o efetivo cumprimento daquelas resoluções.”

GRIPE ESPANHOLA - PORTUGAL DE RASTOS

Em 1918, Portugal bateu no fundo. Estava no poder Sidónio Pais, que tinha inaugurado um regime presidencialista após depor o governo republicano que promovera a participação de Portugal na I Guerra Mundial (1914-18). Com Sidónio estava uma coligação periclitante que juntava republicanos, monárquicos, católicos e até sindicalistas, que se opunham ao republicanismo laico, anticlerical e intervencionista. Estava-se à beira de uma guerra civil. Na sociedade, avultava uma população rural pobre de assalariados e pequeníssimos proprietários. E, na saúde pública, havia carências de toda a ordem.

Foi neste cenário de extrema fragilidade que Portugal sofreu, a partir de maio de 1918, os efeitos de uma enorme pandemia de gripe. Chamaram-lhe gripe espanhola, ou pneumónica, embora a origem do contágio, segundo a opinião maioritária, estivesse num acampamento militar no Kansas, EUA, onde a doença teria aparecido em março daquele ano. O certo é que o vírus da gripe em causa, do subtipo A (H1N1), resultou numa pandemia de contagiosidade extrema e de incubação rapidíssima. E as principais vítimas eram jovens adultos entre os 15 e os 45 anos, que sucumbiam a pneumonias fulminantes. Estima-se que, globalmente, a pandemia vitimou entre 20 e 100 milhões de pessoas. Em Portugal, terá provocado mais de 100 mil mortes, numa época em que o País andava pelos seis milhões de habitantes.

A mortandade só começou a diminuir no final daquele ano. “Para a opinião médica, a pandemia está a acabar em finais de novembro, altura em que passou o pico da sua incidência, embora o vírus persistisse durante décadas de forma endémica”, diz José Manuel Sobral, investigador do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Naquele mesmo mês, acrescenta o especialista, o terror provocado pela pandemia “está a esvaír-se, como o mostram os festejos que levam milhares de pessoas às ruas em Lisboa e outros locais para celebrar o armistício que põe fim à Grande Guerra”, a 11 de novembro de 1918. E “o medo iria ser substituído pelo seu esquecimento nas gerações seguintes”. Um padrão histórico.

POLIOMIELITE - A PRÓXIMA A ERRADICAR?

Uma em cada 200 infeções pelo vírus da poliomielite resulta numa paralisia irreversível, habitualmente dos membros inferiores. Entre 5% a 10% das pessoas afetadas perderão a vida em consequência da imobilização dos músculos respiratórios. Pior: a poliomielite, doença transmissível, afeta sobretudo crianças com menos de 5 anos de idade.

Quando, em 1988, a Assembleia Geral da Organização Mundial da Saúde decidiu lançar um programa para a erradicação daquela doença, ela atingia, por ano, centenas de milhares de crianças em 125 países, onde a patologia era endémica. Em finais de 2019, já se registaram apenas 175 casos e, hoje, a doença está limitada a dois países – Paquistão e Afeganistão. “A intenção inicial foi conseguir a erradicação da doença no ano 2000, mas isso revelou-se irrealizável, pelo que a nova meta situa-se em 2023”, diz Constantino Sakellarides. A erradicação da poliomielite baseia-se num extenso programa de vacinação de âmbito universal, acompanhado por uma vigilância epidemiológica rigorosa, que permita identificar e atuar precocemente sobre novos surtos de transmissão.

“Duas vacinas estão disponíveis para o efeito: uma vacina oral, à base de um vírus vivo, mas atenuado, de fácil administração; e uma outra vacina com um vírus inativado, de mais difícil administração, menos eficaz na interrupção da transmissão, mas útil na prevenção das paralisias provocadas pela infeção”, explica Constantino Sakellarides. “Um dos contratemplos do processo de erradicação está no facto de o vírus inativado poder tornar-se de novo agressivo em pessoas com o sistema imunitário deprimido”, acrescenta. Outro exemplo das dificuldades deste processo foi a interrupção do programa de vacinação no Norte da Nigéria, em 2003. “Espalhou-se o boato de que a vacina tinha sido manipulada para incluir substâncias que diminuían a fertilidade da população, podendo até incluir o VIH”, o vírus da sida, conta Sakellarides. Resultado: além de ter ocorrido um novo surto epidémico na Nigéria, também aconteceu a reintrodução do vírus da poliomielite em 20 outros países...

GRIPES ASIÁTICAS - MORTES EM SEGREDO

Em 1958, Vitorino Henriques era militar-condutor no complexo de Santa Margarida, em Constância (Santarém). Agora com 86 anos, lembra-se de, à época, “transportar carradas de militares, dormentes ou adormecidos, uns sentados e outros deitados no chão do camião, para hospitais à volta de Santa Margarida”. Mas o metalúrgico

reformado nunca chegou a saber quantos daqueles camaradas que transportou para unidades hospitalares sucumbiram a um novo subtipo do vírus da gripe, o H2N2, que os atingiu. Estava-se no tempo da ditadura, lembra. “Naquela altura, as informações eram escassas.”

O vírus H2N2 surgiu em fevereiro de 1957, na Ásia, e em apenas um ano ceifou de um a dois milhões de vidas. Isto apesar de a vacina contra o novo vírus ter sido rapidamente desenvolvida. A partir de julho daquele ano, cientistas dos EUA “efetuaram testes nos recrutas de bases militares, disponibilizando uma vacina com uma dosagem eficaz quando a pandemia atingiu o auge”, diz Helena da Silva, investigadora no Instituto de História Contemporânea da Universidade Nova de Lisboa. “Em outubro, a vacina estava disponível no Reino Unido e posteriormente no resto do mundo”, acrescenta. Portugal terá então desenvolvido uma vacina nacional, designada Imunadol, mas o seu rasto perdeu-se.

Cerca de dez anos depois, o H2N2 sofreu uma “mudança antigénica que levou ao surgimento de um novo subtipo, o H3N2, e à pandemia de 1968”, a chamada gripe de Hong Kong, continua Helena da Silva. A vacina seria disponibilizada cerca de quatro meses após o início da pandemia e, embora fosse provável que uma parte da população tivesse defesas imunitárias, a gripe de Hong Kong ainda matou de um a quatro milhões de pessoas até 1970. E o vírus ainda hoje circula, agora no lote da gripe sazonal.

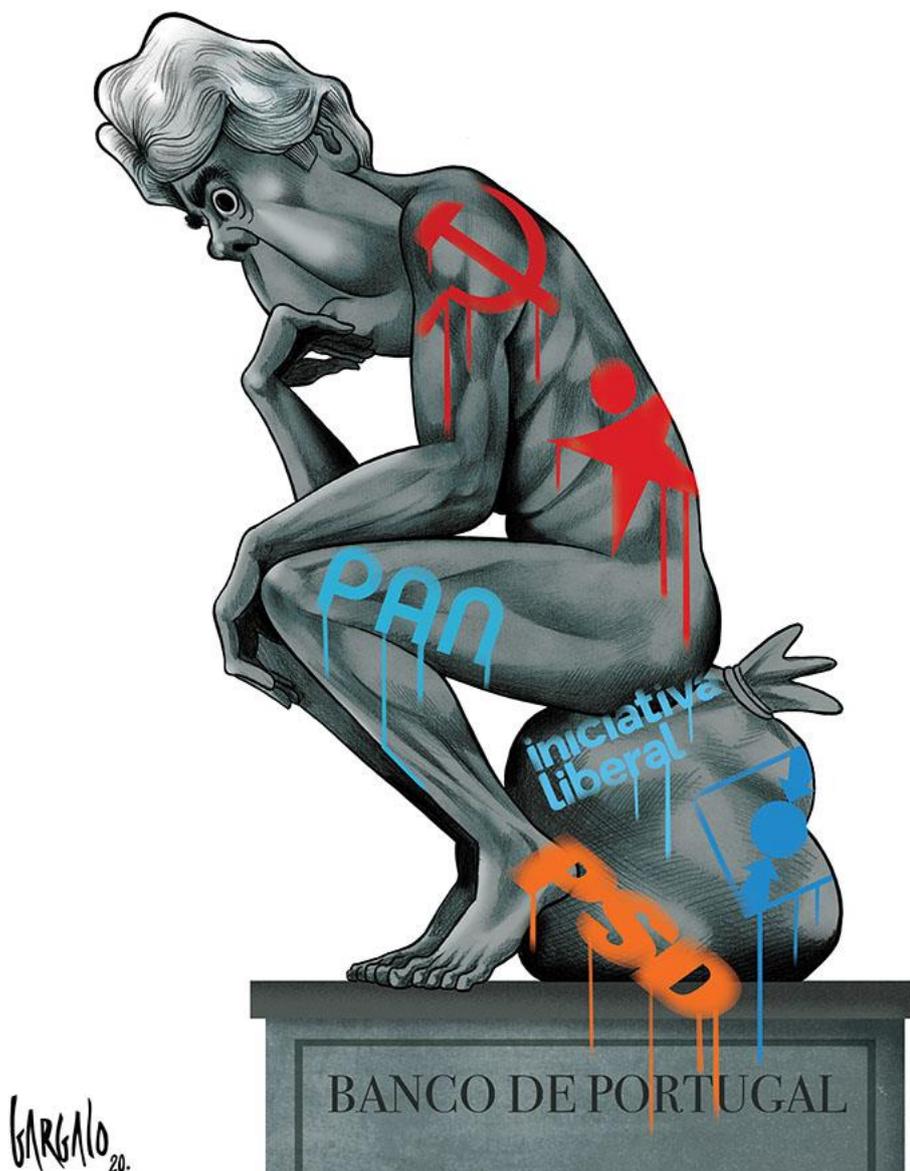
SIDA - E A POLÉMICA CONTINUA

Em fevereiro passado, em vésperas de a pandemia do novo coronavírus chegar a Portugal, ainda se noticiavam “queixas regulares” de homens gay ou bissexuais que viram a sua vontade de doar sangue recusada. Em causa está a probabilidade, mesmo que ínfima, de aqueles dadores, encontrando-se infetados com o VIH, o vírus que provoca a sida (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), ainda não apresentarem, na altura da doação, uma carga viral detetável pelos testes de despiste. Para resolver esta controvérsia, as autoridades de saúde prometem uma norma definitiva no próximo mês de junho.

Quase parece um regresso a 1981, quando a infeção pelo VIH e a sida abalaram o mundo, apresentando hoje um cortejo de mortes que se estima situarem-se entre 25 e 35 milhões. “No início da epidemia, a comunicação sobre VIH/Sida focava-se no alarme

e fatalismo de ‘morte certa’, baseada em estratégias de controlo da doença através do medo e da perceção de elevado risco”, diz Sónia Dias, professora da Escola Nacional de Saúde Pública, da Universidade Nova de Lisboa. “Esta abordagem, além de não ter sido eficaz, resultou num forte estigma e discriminação que ainda hoje conduz à exclusão social das pessoas afetadas e à subutilização dos serviços de saúde para prevenção, testes e tratamento”, conclui.

Fonte: **Visão**





OPINIÃO

O BANCO DE PORTUGAL E AS TENTAÇÕES

Estranha-se que num período tão difícil como este o primeiro-ministro dispense o contributo de um ministro com o prestígio internacional e a popularidade nacional deste.

Tanto foi dito e escrito! O caso parece estar arrumado. Mas não está. A saída de Centeno e a sua substituição no Ministério das Finanças, assim como a nomeação do futuro governador do Banco de Portugal, são assuntos de primeira importância transformados em querelas obscuras. É pena que assim seja. A questão é séria e o mistério criado traduz desprezo pela opinião pública. Era o momento adequado para discutir a questão das funções dos bancos centrais e de ver o que a política do euro fez de útil e o que não fez ou deu mau resultado. Era também o momento para ver melhor o comportamento do BCE, do Banco de Portugal e do Governo em questões tão difíceis como as do BES, do BPN, do BANIF, de Angola, do Montepio, das PPP e da crise da dívida soberana. Mas não. Não aproveitámos a oportunidade e agora já é tarde.

É possível que a saída de Mário Centeno, em plena pandemia e no início de uma crise económica inevitável, tenha justificações. É possível, mas não parece. Mário Centeno não se mostrou incompetente nem pusilânime a ponto de justificar o seu afastamento. Pelo contrário, revelou serenidade e competência.

Estranha-se que num período tão difícil como este o primeiro-ministro dispense o contributo de um ministro com o prestígio internacional e a popularidade nacional deste. Não é fácil perceber que um Governo não esteja interessado em manter o seu ministro como presidente do Eurogrupo. É verdade que estes cargos (Comissão, Banco central) muitas vezes prejudicam, mais do que favorecem, os países de origem dos titulares. Mas o desempenho por um nacional gera algum respeito.

Também não nos é dado perceber que um ministro, no auge da sua ação, solicite a demissão. A não ser que tenha perdido o apoio do primeiro-ministro. Se há razões

personais para esta demissão, não ficamos felizes com o facto, porque em boa parte muitas das razões pessoais são desprezíveis (inveja, ambição, receio...).

Como é evidente, um ministro que conseguiu o que Centeno conseguiu seria da maior utilidade nesta nova crise. Se a substituição foi motivada por razões pessoais aceitáveis, seria bom que tal se soubesse, mesmo sem desvendar o pormenor. Mas temos de reconhecer que tudo foi feito, por Costa e Centeno, de modo a afastar essas razões e a deixar intactas as suspeitas de que se trata de motivos inconfessáveis ou de razões políticas que nos deixam inquietos.

A hipotética ida de Centeno para o Banco de Portugal afasta razões pessoais e deixa intactas as políticas. Como elimina possíveis razões técnicas: na verdade, a liderança do Banco é tão exigente quanto a de um ministério. As reações de certos sectores políticos eram de prever. Uns consideram incompatível a saída direta do ministério para o banco. Outros chegaram mesmo a elaborar uma proposta de lei para tal proibir. O que é estranho. Aprovar uma lei à lufa-lufa, dirigida a uma pessoa, é gesto condenável. Talvez mesmo inconstitucional. O que alguns deputados tentaram fazer contra Mário Centeno foi isso mesmo: um gesto de despeito político e de ignorância jurídica. O que impressiona é que haja tanta gente disponível para subscrever o disparate.

É preferível nomear um governador sem responsabilidades políticas recentes, dado que tal garante talvez um pouco mais de independência. Mas esse trânsito não é crime. Nem inédito. Catorze governadores (num total de dezassete) foram ministros ou secretários de Estado das Finanças, da Economia, da Agricultura, do Ultramar e dos Negócios Estrangeiros. Na monarquia, na República, na ditadura, no Estado Novo e na democracia, só três não foram membros do Governo. Parece ser a regra, com poucas exceções. O atual governador, Carlos Costa, é mesmo um dos raros que não foram antes ministros de coisa nenhuma. A regra é a de ter sido ou vir a ser ministro. Ou as duas coisas, antes e depois.

Do sector público para o sector público: esta transferência parece aceitável. Ou pelo menos não é condenável imediatamente. O preferível é que não fosse um costume, que houvesse gente suficiente. Mas, com uma classe política tão curta e com dedicações exclusivas tão reduzidas, é inescapável que haja esta circulação. Esta é mil vezes

preferível à porta giratória do Estado para a privada, do Governo e da Assembleia da República para as empresas privadas.

A circulação entre Governos, bancos nacionais, Banco Central Europeu, Fundo Monetário e Banco Europeu de Investimento não parece muito inconveniente. Nada comparável às grandes circulações com as consultoras e as empresas financeiras mais famosas do mundo, que desempenharam papel importante em Portugal, que determinaram decisões, que deixaram passar da privada para a pública e vice-versa... Verdade é que há quem queira atacar Centeno pelo seu papel no Governo e nas finanças públicas. Tenha ou não cometido erros, Centeno vai ficar na história das finanças públicas portuguesas.

Tal como ficará Carlos Costa, deixado sozinho durante os casos gravíssimos do BES, da troika, da crise financeira internacional e da crise da dívida soberana, com governos a assobiar para o ar. O actual governador, homem honrado, sai sem uma palavra de gratidão, merecida, dos poderes que o quiseram utilizar. Em condições de extrema dificuldade, foi um exemplo de serviço público. Um alto funcionário de integridade pessoal e institucional. Un grand commis d'État!

Há governadores de bancos centrais para todos os gostos, designados pelos governos, chefes de Estado, parlamentos e acionistas. E por combinação entre vários poderes. Cada país tem os seus costumes. Há mesmo quem faça concursos abertos e admita candidatos estrangeiros, como foi o caso do Banco de Inglaterra. O nosso sistema é o que é. Com a ajuda do Presidente e do Parlamento, é o Governo que tem a palavra decisiva na nomeação. Mas a influência do Banco Central Europeu é grande. Depois de nomeado, o governador depende mais do BCE do que de qualquer entidade portuguesa. A ponto de se poder considerar que os bancos nacionais são sucursais do banco europeu.

Apesar de tudo, o Banco de Portugal é apetecível. Pode ser uma formidável arma de ameaça, vigilância ou cumplicidade com o sistema financeiro, a banca e a política monetária. Uma boa parte dessas esperanças são ilusórias, dado que, com o euro, uma ingerência do Governo no banco central paga-se caro.

A força das instituições cria-se com legislação que as preserve, com funcionários dedicados, com uma população que as respeite e com dirigentes à altura. O que dependia de Carlos Costa foi cumprido.

António Barreto, Sociólogo

Fonte: Público

